

## **A medicina popular na Ilha de Santa Catarina**

Gabriela Grudka Pohlmann

Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC

[gabiggp@gmail.com](mailto:gabiggp@gmail.com)

Resumo: A medicina popular ganhou no Brasil uma significação particular. Com a junção de elementos trazidos pelas mais diversas culturas, as práticas de cura brasileiras construíram um conhecimento único. Mesmo em uma sociedade que prestigia tanto o conhecimento científico como a nossa, a presença da medicina popular em Florianópolis é muito intensa. Agindo por intermédio das benzedeiras, ela mostra uma outra concepção sobre a doença e a cura, que não separa corpo e espírito. O processo da cura é feito com a reza, a simpatia e o remédio. Só com a união de elementos como esses é que a doença pode ser curada.

Palavras-chave: Medicina popular; Sincretismo; Imaginário; Cultura

Title: Popular medicine in Santa Catarina Island

Abstract: Popular medicine gained in Brazil a particular meaning. With the junction of elements brought from diverse cultures, Brazilian cure practices had formulated a singular knowledge. In a society that sanctions the scientific knowledge in such a way as ours, the presence of the popular medicine is very intense. Acting through the women healers, in Santa Catarina Island, popular medicine shows another conception of illness and cure, that does not separate body and spirit. The process of the cure is made by the union of pray, “simpatias” (popular practices) and medicines.

Key words: Popular medicine; Imaginary; Culture

Não se pode pensar a cultura popular<sup>1</sup> como algo estático, ela deve ser entendida como um conjunto de saberes e costumes que são passados de geração a geração, sendo continuamente acrescida de novos elementos, adaptáveis às modificações do tempo e da História. Pensando em termos de Brasil, essa constatação torna-se mais acentuada, pois se trata de um país de origem colonial: seus costumes e saberes refletem um amálgama das diversas culturas presentes em sua

---

<sup>1</sup> Entendo aqui por cultura popular aquilo que pertence à tradição empírica de um povo, aquilo que não é oficial, constitucionalizado, independente da classe social à qual esteja vinculada.



trajetória. É importante lembrar que houve uma tentativa constante de abafar essa cultura popular e heterogênea em favor de um ideal de civilização específico. Por mais que a historiografia tradicional analise o Brasil sob uma ótica eurocêntrica, deve-se considerar seu riquíssimo manancial cultural e a forma dinâmica com que esses saberes integraram-se e perpassaram gerações.

Mesmo com o triunfo de uma forma social capitalista e industrializada, que tem sua ênfase em explicações científicas, esses elementos da cultura popular perpetuaram, mas muitos foram concebidos sob a forma de superstição, lenda ou folclore. A esses saberes podem ser adicionados o curandeirismo, a feitiçaria e a benzedura, conhecimentos que interessam precisamente a esta pesquisa. O tema proposto não pretende resgatar uma cultura esquecida, ao contrário, visa entender que, embora geralmente esses ofícios sejam vistos com desdém por uma sociedade baseada na experiência científica como a nossa, benzedoras e curandeiros estão intensamente presentes na vida cotidiana e no imaginário da sociedade florianopolitana.<sup>2</sup>

Para compreender como foi construída a concepção de medicina popular existente no imaginário do ilhéu, é preciso lançar um olhar à conjuntura social brasileira no início de sua colonização. Pois, ao chegar à América, o português deparou-se com uma região povoada e com uma ampla multiplicidade cultural.

Seres nus, mulheres, homens barbudos armados com paus, pedras, arcos e flechas. São os “homens selvagens” do imaginário ocidental que, por muito tempo ainda, insistirá em representar desta forma o indígena americano.<sup>3</sup>

A América deveria ser a “imagem e semelhança” da Europa, portanto “civilizar” a população indígena tornou-se um dos focos principais da colonização. Ao tentar transformar o indígena à sua imagem e semelhança, o português acaba promovendo a criação de uma cultura múltipla, rica em elementos que são comuns aos indígenas, outros comuns aos europeus e outros, ainda, que têm sua origem na África. E, numa visão geral, essa cultura tem uma significação completamente nova. Isso se reflete também na maneira com que se via a religião na colônia.

O cristianismo era a religião oficial da sociedade portuguesa durante o período colonial, mas no Brasil ganhou novas formas. Tanto o escravo negro como a população indígena não conheciam os fundamentos da religião à qual estavam sendo submetidos. A miscigenação cultural que se deu

<sup>2</sup> Parte de Florianópolis, a capital do estado de Santa Catarina, é uma ilha, portanto os florianopolitanos são chamados também de ilhéus, embora essa denominação seja mais atribuída aos nativos da cidade do que aos que chegaram posteriormente.

<sup>3</sup> BERNARD, C.; GRUZINSKI, S. A Europa imperial. *In: História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 240.



entre os brancos portugueses, escravos negros oriundos das mais diversas regiões da África e indígenas também com culturas variadas, além das práticas do judaísmo incorporadas através dos cristãos-novos<sup>4</sup>, gerou um sincretismo religioso muito particular da colônia. Na medida em que a colonização avançava, o sincretismo cultural e religioso a acompanhava. Indígenas e africanos praticavam o curandeirismo, e cada vez mais a herança cultural de cada um se misturava nessa religião popular do Brasil colônia.<sup>5</sup>

Os adivinhos eram muito comuns durante todo o período colonial. Havia a necessidade de se localizar escravos fugidos, furtos e outras exigências da vida cotidiana. Nos documentos apresentados por Laura de Mello e Souza, percebe-se que esses adivinhos invocavam tanto os santos como Deus, as forças da natureza, o demônio<sup>6</sup>. Os inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, em seu *Malleus Maleficarum* – um manual que ensina a identificar, julgar e condenar bruxas –, tratando da diferenciação entre bruxas e adivinhos, afirmam que há vários tipos de adivinhos, mas são encontrados em três grupos: os que explicitamente invocam o demônio, os que consideram elementos como os astros e os que consideram apenas atos humanos para descobrir atos futuros (praticam sortilégios).<sup>7</sup> Segundo os autores, há adivinhações lícitas e adivinhações ilícitas, mas quanto à bruxaria, mesmo quando inofensiva, é sempre ilícita.

Assim como acontecia entre os adivinhos, os curandeiros eram em sua maioria homens, europeus em menor número que africanos, indígenas e mestiços. Buscava-se no sobrenatural as explicações para as doenças, portanto a cura também era feita através da magia. Essa prática, que também predominava na sociedade tradicional europeia, teve outros métodos desenvolvidos na colônia devido a esse sincretismo cultural aqui existente.

As curas, adivinhações e benzeduras eram confundidas com feitiçaria por seu caráter sobrenatural. A feitiçaria, por sua vez, era atribuída mais às mulheres, já que a elas pertencia o vasto conhecimento sobre as ervas, encantos, medicamentos e rezas específicas. Vale reforçar a idéia de sincretismo, que é confirmada por Rita de Cássia Lopes:

<sup>4</sup> Descendentes de judeus que, em Portugal, foram convertidos à força ao catolicismo pelo rei D. Manuel no ano de 1497.

<sup>5</sup> Embora esse sincretismo seja constantemente abordado durante esta pesquisa, a cultura popular não deve ser tratada como homogênea. Ela varia de localidade para localidade e elementos que vemos constantemente presentes em uma região nem aparecem em outras.

<sup>6</sup> SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 158-161

<sup>7</sup> KRAMER, H. SPRENGER, J. **Malleus Maleficarum: o martelo das feiticeiras**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. p. 180.



Rezava-se para as almas, Nossa Senhora da Graça, São Cipriano e São Marcos. Além da invocação dos santos, também havia orações que se voltavam para as estrelas, plantas e animais e recorria-se, também, a orações e sortilégios indígenas, com a utilização de pós, raízes e beberagens<sup>8</sup>.

Márcia Moisés Ribeiro afirma que no Brasil colonial não existia uma distinção rígida entre o conhecimento erudito sobre magia, alquimia, crenças religiosas e aquilo que era o saber popular.<sup>9</sup> A autora explica que, parecia que as práticas de curandeiros eram muito diferentes daquelas realizadas pelos médicos diplomados, medicina considerada a oficial. Mas, na verdade, a denúncia era sempre contra quem praticava a cura e não a forma como esta se dava. O processo de cura era semelhante entre as duas práticas (a popular e a oficial), a fronteira entre o lícito e o ilícito é que era tênue.

Vividas cotidianamente de forma semelhante por todos os extratos da sociedade, as diversas concepções terapêuticas difundidas no Brasil colonial se entrecruzaram num ambiente extremamente conflituoso. Em ampla variedade de aspectos, o saber médico erudito e o popular eram indissociáveis, no entanto, os representantes da arte oficial lutavam ferrenhamente contra os que praticavam curas na informalidade. Reivindicando para si o controle do corpo, a medicina esvaziava o sentido dos conhecimentos terapêuticos populares e reinterpretava-os à luz do saber erudito.<sup>10</sup>

É preciso analisar com cautela a visão da historiografia tradicional de que a busca por métodos de cura populares se dava pela ausência de bons médicos na colônia. De acordo com Nikelen Acosta Witter, a população colonial “desconfiava dos médicos e dos tratamentos por eles empregados. O caráter doloroso da maioria das terapias em nada ajudava para melhorar a imagem da medicina oficial”<sup>11</sup>. No Brasil do século XIX, a medicina “encontrava-se num processo de conquista de espaço, aceitação e aprovação junto à população”<sup>12</sup>. A autora defende a idéia de que não era por falta de médicos que a população recorria a curandeiros, pois a medicina era uma forma nova de cura e, naquele momento, estava disputando espaço com as práticas já presentes na sociedade da época. Portanto, a procura por curandeiros deve ser analisada a partir da visão que a própria população tinha sobre doença e cura. Se ainda no século XIX a medicina científica

<sup>8</sup> LOPES, R. C. **Bruxas, feitiçeras e curandeiras: a mulher na Inquisição**. Disponível em: <[http://www.pimenet.com.br/noticias.inc.php?&id\\_noticia=1341&id\\_sessao=2](http://www.pimenet.com.br/noticias.inc.php?&id_noticia=1341&id_sessao=2)>. Acesso em: 18 mai. 2007.

<sup>9</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. **Ciência e maravilhoso no cotidiano: discursos e práticas médicas no Brasil setecentista**. 1995. Dissertação (mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo. *Apud* WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845 a 1880)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>10</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte de curar no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. p. 89.

<sup>11</sup> WITTER, *op. cit.*, p. 88.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 74.



continuava buscando credibilidade entre a população, pode-se entender que, na mentalidade da sociedade brasileira de então, a concepção de doença estava muito ligada a experiências sobrenaturais e, portanto, as práticas de cura populares eram aceitas com naturalidade.

Constatamos então que a feitiçaria colonial estava imbuída de conceitos e crenças diversas. Ela existia na vida cotidiana da população e com bastante intensidade. Porém, a repressão feita através das visitações da Inquisição<sup>13</sup> mostra que existia uma religião oficial, diferente daquela realidade, que fazia com que a população devesse temer e ao mesmo tempo delatar essas práticas diárias. Mesmo assim, a religião popular sincrética, que trazia traços da cultura primitiva dos indígenas e africanos, misturados com elementos do judaísmo e imbuídos de valores católicos, elaborou uma mentalidade composta por elementos mágicos, sobrenaturais, científicos e religiosos muito particular da sociedade colonial da América portuguesa. Aquela sociedade que acusava era a mesma que contribuía para a formação dessa mentalidade.

A despeito da repressão, esse sincretismo entre magia e religião não foi extinto. Isso é verificável quando se analisa a cultura de cura popular existente atualmente na Ilha de Santa Catarina. Conforme Laura Moraes, mesmo com

[...] uma rede de agentes onde a atuação da medicina foi decisiva na inserção e desenvolvimento de novos valores – com a repressão do curandeirismo e aos processos curativos não médicos – foi impossível extirpar as raízes de muitas crenças que já estavam profundamente arraigadas no imaginário de Florianópolis/Desterro<sup>14</sup>.

A autora diz ainda que no século XIX, em Desterro, existiam várias práticas de cura que eram realizadas paralelamente à medicina científica e que, mesmo proibidas por lei, tais práticas continuavam “fortemente presentes no cotidiano de homens, mulheres e crianças”<sup>15</sup>. Também aqui a medicina científica lutava por seu espaço e a repressão aos métodos populares de cura, não oficiais, foi intensificada quando a área da saúde passou a ser preocupação do Estado.

<sup>13</sup> “Os tribunais do ‘Santo’ Ofício nunca se estabeleceram oficialmente em terras brasileiras, entretanto os clérigos que aqui residiam foram investidos de poderes inquisitoriais. Os vigários eram responsáveis por observar a população local, relatando comportamentos suspeitos e recolhendo denúncias, enquanto os bispos tinham poderes para efetuar prisões, confiscar bens e enviar suspeitos para julgamento em Lisboa. Adicionalmente, os inquisidores-mores enviaram visitantes ao Brasil, que fiscalizariam os costumes das gentes dessa terra e se o proceder do clero local frente a elas era fiel às ordens da Metrópole.” Trecho extraído de COSTA, Yacov da. **A Inquisição**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/brasilsefarad/inquisicao.htm>>. Acesso em: jun. 2007.

<sup>14</sup> MORAES, Laura do Nascimento Rotolo. **Medicina, empirismo e outras práticas de cura no sul do Brasil, no século XIX e início do XX**. In: Colóquio Internacional Portugal/Brasil, 2001, p. 110.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 106.



A aplicação da prática higienista no Brasil, e principalmente na Ilha de Santa Catarina, ocasionou oficialmente a desqualificação dos curandeiros. Ocorreu um processo de institucionalização da cura, visto que o Estado transferiu para o médico diplomado a responsabilidade higienista da cidade. O médico científico desta forma passou a possuir enorme prestígio, tendo em vista que se tornou o personagem responsável pelo controle das condutas da população.<sup>16</sup>

A imprensa, mesmo empenhada em semear esse prestígio dado à medicina científica, não ignorava em suas páginas as práticas não oficiais. Pelos jornais constatava-se que, “apesar de toda propaganda negativa destinada à ação das curandeiras e benzedoras daquela época [final do século XIX], não raro, pacientes abonados vinham procurar os recursos oferecidos por elas”<sup>17</sup>. Fica claro, portanto, que a busca da cura através de meios não científicos, até mesmo sobrenaturais, não foi privilégio de nenhuma classe social específica em Florianópolis.

O curandeirismo não ocupava um espaço deixado em branco, mas o espaço que sempre ocupara, ‘oferecendo respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos’, ‘aproximando as relações sociais entre as pessoas’. Solidariedade e confiança cumpriram o papel de aproximar curador e doente, pondo-os do mesmo lado, envolvendo no processo todos os saberes da comunidade.<sup>18</sup>

Muito mais do que a ausência de médicos ou de recursos financeiros para a procura da medicina científica, a medicina popular estava presente como uma opção de cura que não visava a separação entre corpo e espírito. “Os elementos sobrenaturais do mundo, por sua longa presença no dia-a-dia e no imaginário de cada um, podiam ser muitas vezes mais compreensíveis que o desequilíbrio dos humores ou a auscultação do coração.”<sup>19</sup>

A benzedora em Florianópolis tem ainda outra peculiaridade: a presença constante da bruxa no imaginário ilhéu. Muitos estudiosos consideram imaginárias as bruxas relatadas pelo artista e folclorista Franklin Cascaes e entendem que elas representam os medos de muitos ilhéus.<sup>20</sup> A personagem da bruxa, motivo de tantos causos e estudos, existe concomitantemente a outra: a benzedora, que, nas narrativas publicadas por Cascaes, aparece como sendo a responsável por manter a ordem e o bem-estar da população. Enquanto a bruxa é a causadora de mau-olhado,

<sup>16</sup> DOMINGUES, Giorgia de Medeiros. **Entre ervas e caldeirão**: quem as bruxas realmente são? 2003. 94 p. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 48.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>18</sup> WITTER, *op. cit.*, p. 90.

<sup>19</sup> MORAES, *op. cit.*, p. 90.

<sup>20</sup> DOMINGUES, *op. cit.*, p. 42.



“embruxamentos” e desordens de todo tipo, a benzedeira trava com ela uma luta, seu conhecimento e “poder” são utilizados para anular as forças do mal.<sup>21</sup>

Outra questão pode ser analisada a partir do imaginário existente na Ilha: a cultura açoriana. A urbanização da cidade de Desterro foi iniciada com a chegada de imigrantes portugueses pertencentes às ilhas dos Açores e Madeira, entre as décadas de 1740 e 1750, devido, entre outros fatores, à superpopulação presente naquelas regiões.<sup>22</sup> Com o passar do tempo, vemos que o ato de benzer, que já era praticado em Portugal<sup>23</sup>, é misturado à presença do xamanismo indígena e do espiritualismo africano. Na verdade, o termo curandeirismo abarca múltiplas formas de cura, fruto de diversos saberes, mas não há como negar que, no caso de Florianópolis, o que mais prevalece é o sincretismo entre as crenças e conhecimentos portugueses, indígenas e africanos. Isso dá origem à construção do conceito de curandeirismo praticado na Ilha, porém uma grande ênfase foi dada aos costumes açorianos, deixando os outros componentes dessa cultura à sua sombra.

Segundo Maria Bernardete Ramos Flores, essa ênfase passou a ser dada em 1948, no I Congresso de História Catarinense<sup>24</sup>. O objetivo desse congresso era a “reconstrução de uma identidade histórico-cultural. Para isso foi necessário um movimento de resgate da memória histórica”<sup>25</sup>. A partir de então, a população florianopolitana passou, cada vez mais, a se identificar com a cultura açoriana. O fato de essa identificação ser uma iniciativa política, ou não, é uma questão complexa, mas o importante para esta pesquisa é perceber que essa cultura existe intensamente na mentalidade do ilhéu.

Muitas são as manifestações da cultura dita açoriana em Florianópolis e, entre elas, o Boi-de-mamão muito contribuiu para este estudo. Um dos personagens que o compõe é o Doutor, uma espécie de médico benzedor que traduz bem o imaginário ilhéu sobre a medicina, mesclando elementos da medicina científica com elementos da prática popular. Nos versos desse folgado podemos observar:

Meu boi tá doente  
Chame seu doutor

<sup>21</sup> CASCAES, F. **Bruxas**. Recolhido em Florianópolis. Acervo do Centro de Documentação do Museu Oswaldo Rodrigues Cabral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>22</sup> MURARO, Valmir Francisco. **História de Santa Catarina para ler e contar**. Florianópolis: Cuca Fresca, 2003. p. 37-47.

<sup>23</sup> Para pesquisas referentes a práticas de cura e benzeduras em Portugal, ver: BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>24</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: EdUFSC, 1997. p. 120.

<sup>25</sup> *Idem*.



Pra benzer o boi, oh! Maninho  
Que ele tá com dor.

Entra em cena o doutor, que bate nas costas do boi, levanta o rabo, examina,  
sacode o boi e diz:

Este boi tá doente  
Um purgante vai tomar  
Depois vou benzer ele  
Que é pra ele miorá.

Tira da maleta um ramo de erva, um vidro de água, despeja na boca do boi e benze:

Eu benzo esse boi  
Com raminho de arueira  
Pra tirá a diarréia  
E também a bicheira.

O doutor manda que o Mateus fique com o ouvido encostado na testa do boi para  
escutar se ele geme e, ao Vaqueiro, é ordenado dar um sopro abaixo da cola do boi.  
O boi, ao sentir o sopro, dá uma guinada para frente, jogando o Mateus no chão. O  
doutor diz que o boi está melhorando e benze outra vez:

Eu benzo meu boi  
Com galinho de alecrim  
Senhor dono da casa  
Peça um dinheirinho pra mim<sup>26</sup>.

Para a maioria da população, não há uma distinção entre o médico científico e a medicina popular, o processo de cura está associado a várias etapas. O boi não foi curado por causa do remédio ou da reza e, sim, pela junção dos dois. O mesmo pode ser observado nas rezas e simpatias de benzedoras recolhidas por Cascaes. Elas mostram que a visão dessas mulheres sobre a cura extrapola as concepções puramente físico-mentais do corpo e mescla aspectos sociais e sobrenaturais. A doença é entendida como uma desordem entre o corpo e o espírito, entre o natural e o sobrenatural. Portanto, um dos processos da cura deve ser tratado com uma reza. Podemos ver isso na benzedura contra queimadura que o folclorista recolheu:

Santa Iría tinha três “fia”, uma que fiava, uma que tecia e uma que cosia. Perguntou à Senhora com que se curaria a queimadura. A Senhora respondeu – “Com cuspo em jejum e com a baféia i só com isso abrandaria. Em nomi di Deus e da Virgi Maria. Amem”. E para completar a benzedura vem a observação: repetem a oração

---

<sup>26</sup> **Boi-de-mamão de Itacorubi**. Disponível em: <<http://www.rosanevolpato.trd.br/partituraboimamao.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2007.





nove vezes. Cada vez que terminam a oração, dão uma cuspidela em cima da parte queimada do paciente. Depois de terminar as orações tomam um pouco de cinza, misturam com a cusparada e formam uma massa sobre a queimadura<sup>27</sup>.

Esse processo de cura também envolve mais de uma etapa e não adianta colocar a “massa” sobre a queimadura sem repetir a reza, assim como não adianta repetir a reza nove vezes sem colocar a “massa” sobre a queimadura. Na “Oração contra sezões” existe uma questão interessante que remete ao sincretismo religioso existente no imaginário florianopolitano:

Deus ti salvi laranjeira, que eu venho visitar-ti, essas fôlha verdi vossa, uma tem que emprestar-mi, prá eu dá uma visita, que me veio visita, quando ela fô simbora, eu torno a ti entrega, Em nome do pai do Filho i do Espírito Santo. Amém.  
OBSERVAÇÕES: Colhem três folhas laranjeira, com elas benzem o paciente e ao terminar de benzer, voltam e as tornam a restituir a dona<sup>28</sup>.

Como se observa na citação, a benzedura é rezada para uma planta e não para um santo. Portanto, é visto claramente que elementos do sincretismo religioso que foram abordados anteriormente como presentes na mentalidade da sociedade no período da colonização de nosso país são encontrados também nas práticas de cura populares hoje na Ilha de Santa Catarina.

Podemos concluir, então, que faz sentido tratar a feitiçaria como bode expiatório em uma época em que o sobrenatural era a resposta para a maioria das questões humanas, mas isso não justifica a perpetuação do conhecimento popular sobre ervas e conceitos de cura. Isso não justifica a procura pelas benzeduras do sul da Ilha ou a forte presença de bruxas no imaginário dos moradores da Lagoa da Conceição que existe atualmente.<sup>29</sup> As curandeiras são geralmente respeitadas pelo povo e procuradas para ajudar as pessoas, ao contrário da imagem muitas vezes passada por alguns médicos oficiais e autoridades. A medicina popular é altamente difundida na mídia contemporânea, vemos sua propagação em jornais, revistas, internet, livros especializados. Ao contrário do que se esperava com a repressão e o desenvolvimento da medicina científica, existe ainda hoje uma procura, um crescente interesse pelo conhecimento da ervas, plantas, rezas e receitas de cura. Os remédios de manipulação vendidos nas farmácias, que têm suas origens no saber popular, gradativamente ganham mais prestígio e aceitação, inclusive entre conceituados profissionais da área de saúde.

<sup>27</sup> CASCAES, F. **Benzedeiras**. Recolhido em Florianópolis. Acervo do Centro de Documentação do Museu Oswaldo Rodrigues Cabral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> Para pesquisas referentes à presença da bruxa no imaginário dos moradores da Lagoa da Conceição, ver: MALUF, Sônia. **Encontros noturnos**: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.



Mesmo com todo o desenvolvimento da medicina científica esta percepção de cura ligada aos elementos da natureza e ao sobrenatural continua existindo. Em uma época em que o acesso à medicina científica era raro se torna fácil afirmar que a medicina popular era uma alternativa para aqueles que não tinham condições, porém essa afirmação também não justifica a presença destas práticas de cura em nossa sociedade. Elas devem ser percebidas como uma forma de entender a doença e o processo de cura diferente da científica, pois o fato de nossa sociedade ser embasada em explicações científicas não significa que outras explicações não sejam possíveis, ou sejam menos certas que as primeiras.

Em Florianópolis a presença da bruxa imaginária traz funções sobrenaturais à benzedeira, mas isso não a distancia do “mundo real” e da vida cotidiana do ilhéu. Com um riquíssimo conhecimento, que mistura elementos oriundos das mais diversas crenças e culturas, a benzedeira ajuda a população a curar suas doenças do corpo e do espírito, contribuindo significativamente para o bem-estar social.

Não podemos deixar de notar que as benzedeiros já não têm um papel mais tão destacado na sociedade, a falta de pessoas interessadas em aprender seus conhecimentos é um fator que vem aumentando nos últimos anos. Por outro lado, a procura por ervas e remédios naturais está em constante crescimento, as pessoas estão entendendo que a medicina industrializada não é a única alternativa, a busca por uma espiritualidade a concepção de que as energias da natureza e do corpo possam interferir na saúde mostra que a medicina popular não está acabando, pelo contrário está ganhando novos moldes, está sendo adaptada à mentalidade do sujeito pós-moderno, que não vê na ciência a única explicação possível para as questões da vida.

